

MEMÓRIA E MEMÓRIA DE LEITURA NA POESIA DE RUY ESPINHEIRA FILHO

Pauliany Carla Martins¹

RESUMO

Este artigo trata da expressão recorrente da memória e da memória de leitura na poesia de Ruy Espinheira Filho. Analisa-se aqui a obra publicada em 2012, *Estação infinita e outras estações*, que reúne toda a produção lírica do poeta até a atualidade. Apresenta-se, primeiramente, um breve panorama da obra lírica do autor por meio da leitura de três de seus poemas, dando enfoque a dois temas recorrentes de sua poesia, a memória e a reflexão sobre a passagem do tempo, ambas em consonância. Os conceitos de memória e de memória de leitura – tendo como base Ecléa Bosi (2003) e Marcel Proust (1991) – articulam-se na poesia de Ruy Espinheira Filho a fim de configurarem a própria subjetividade lírica de sua poesia. Ademais, refletimos sobre como a insistência em tratar das transformações e das perdas ocorridas com o transcorrer do tempo, bem como a tentativa de registrar e de refletir em versos sobre as manifestações da memória, configuram-se nessa poesia de modo a potencializar a capacidade criativa do autor.

Palavras-chave: Poesia lírica; Subjetividade lírica.

MEMORY AND MEMORY OF READING IN THE POETRY OF RUY ESPINHEIRA FILHO

ABSTRACT

This article addresses the recurring expression of memory device in Ruy Espinheira Filho's poetry. We aimed to analyze the work published in 2012, *Estação infinita e outras estações (Infinite station and other stations)*, which comprises the poet's whole literary production to date. At first, we present a brief overview of the author's lyrical work by reading three of his poems with emphasis to two recurring themes in his poetry, memory and the reflection upon the passing of time, both in consonance with each other. Concepts around memory and memory reading – in light of Ecléa Bosi and Marcel Proust for our theoretical framework – articulate themselves in Ruy Espinheira Filho's poetry in order to shape the very lyrical subjectivity of his poetry. Moreover, we show how

¹ Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutoranda em Letras e Linguística. E-mail: martinspauliny@gmail.com

the recurrence around themes such as transformations and losses experienced over time, as well as the attempt to capture and reflect in verse the manifestations of memory, render themselves in this poetic assemblage, capable of potentializing the author's creative expression.

Keywords: Lyrical poetry; lyrical subjectivity.

INTRODUÇÃO

No prefácio à segunda edição de *Poesia reunida e inéditos*, publicada em 1998, o crítico Alexei Bueno afirma que Ruy Espinheira Filho é um “poeta da memória”. O crítico e também o próprio poeta – em entrevista concedida a Rodrigo Souza Leão ao jornal *Balacobaco* – faz um questionamento que aqui endossamos: como ser poeta e não tratar da memória? Se retornarmos, por exemplo, à obra do teórico Emil Staiger, *Conceitos Fundamentais da Poética* (1977), de vertente hegeliana, veremos que recordar o passado é algo próprio da poesia lírica. Em sua obra, que já tanto contribuiu para os estudos literários, Staiger propõe uma diferenciação entre memória e recordação. Para o autor, a memória é o objeto próprio da narração, uma vez que, ao narrar, o autor rememora o passado no intuito de saber seus acontecimentos e suas relações no tempo. A memória, portanto, seria objeto da poesia épica no pensamento de Staiger. Para a poesia, caberia não a memória, mas sim a recordação. Staiger afirma que ao recordar um fato da memória o poeta o traz à tona novamente, como se o revivesse por meio dos versos construídos. Mais do que se lembrar dos fatos, o poeta aprofunda no passado e transforma em versos as mesmas sensações que foram experienciadas. Apesar de termos discernimento acerca da proposição de Emil Staiger a respeito da diferenciação de memória e de recordação, utilizamos aqui a palavra “memória” no seu

sentido mais amplo de ser o construto de um indivíduo subjetivo e perpassado por inúmeras vozes discursivas que fundamentam a sua percepção sobre seu passado. Mesmo assim, a proposta de Staiger endossa ainda mais o nosso questionamento, afinal, se a recordação é própria do gênero lírico, o que faz de Ruy Espinheira Filho um “poeta da memória”?

A escrita é a atividade que nos permite fugir do esquecimento. Uma vez registrados na escrita, os acontecimentos ficam num lugar seguro para a memória humana, tão falha e fragmentada, acessar sempre que possível. Sendo assim, podemos afirmar que todo poeta é também um poeta da memória. No entanto, no caso de Ruy Espinheira Filho a memória manifesta-se como uma insistência temática em sua obra, reverberada de *Heléboro* – sua obra inicial – a *Estação Infinita* – a última reunião de seus poemas, e é sobre esses questionamentos que trataremos a seguir.

A MEMÓRIA NA POESIA DE RUY ESPINHEIRA FILHO

O primeiro poema de *Heléboro*, “Os objetos”, conduz o leitor a uma cena clara e estática. A descrição de uma sala com foto, mesa, estátua, caneta e papéis nos leva a enxergar naquilo que é externo uma aparente calma interior, uma vez que o modo como esses objetos são descritos na cena revela um ar de melancolia e mesmice. Há num entanto

um elemento na composição deste quadro que destoa dessa calmaria, o revólver.

Os objetos

Os objetos
permanecem claros.

Habita a moldura
uma mulher de faces
cor-de-rosa.

Sobre a mesa de mármore
um cavaleiro de porcelana
saúda as visitas.

A caneta ainda escreve
com a mesma tinta
de um azul levemente melancólico.

Na gaveta, dormindo
sob cartas e poemas,
o revólver aguarda.

(ESPINHEIRA FILHO, 2012, p. 21)

Eis que surge a imagem silenciosa do violento revólver. Ao surgir somente no último verso do poema, essa imagem surpreende o leitor que até então estava acomodado na visão tranqüila e clara do cômodo. É depois da reveladora surpresa que a disposição dos objetos ganha um novo sentido para o leitor.

Na segunda estrofe, temos uma mulher que não só está representada numa foto, como também *habita*. O uso desse verbo no presente do indicativo sugere que dentro da moldura tem-se a imagem de uma pessoa, “uma mulher de faces/ cor-de-rosa”, por quem ainda o sujeito lírico guarda algum afeto. O verbo, escolhido cautelosamente, revela-nos que a mulher não é só representada em uma fotografia, ela habita, ela mora, ela vive ali. A moldura coloca em presença a pessoa que, provavelmente, está

ausente. O objeto demarca uma distância entre a mulher o sujeito que a observa na moldura.

Na estrofe seguinte, temos um objeto que pode nos indicar algo do próprio sujeito lírico, “um cavaleiro de porcelana”. A frieza do mármore e da porcelana adjetiva não só a imagem desse cavaleiro como também a sua conduta ao saudar as visitas. Trata-se de uma saudação mecânica e estática, fria e sem significado, justamente por se tratar de um objeto a fazê-la. No entanto, não seria essa frieza, esse desinteresse nas visitas características também do sujeito lírico? O cavaleiro de porcelana metaforiza esse sujeito lírico que, sem a presença da “mulher de faces cor-de-rosa”, queda-se na tristeza e na melancolia da solidão e da ausência.

A seguir, a mesmice das horas de solidão é reiterada nos advérbios “ainda” e “mesma”, uma vez que aquilo que a caneta escreve é também de um sentimento de tristeza que arrebatou o sujeito lírico. Tanto o ato de escrever quanto o conteúdo da escrita repetem-se, pois ainda são os mesmos “de um azul levemente melancólico”. Sob os escritos de cartas e poemas, no entanto, repousa o revólver que pode, a qualquer momento, “acordar”, já que ele também “aguarda”. A imagem final do poema quebra a expectativa do leitor e o leva a questionar se o despertar do revólver culminará em homicídio ou suicídio. Os objetos, de fato, permanecem claros, mas os sentimentos desse sujeito lírico não. O movimento desse poema é observar os objetos e, a partir deles, observar a própria vida.

Já no livro inicial de Ruy Espinheira – tomaremos a liberdade aqui de nomear o autor ora por Ruy Espinheira Filho, ora por Ruy, ora por Ruy Espinheira a fim de valorizar a eufonia do texto –, tem-se muitos elementos que serão constantes ao longo de todo o seu percurso poético. O primeiro exemplo é o tratamento dado ao passado, já neste

livro temos o sentimento de que é no passado que se encontra aquilo que possuímos de fato. Outro exemplo é a persistência no uso de palavras que indicam sonho, céu ou inconsistência física como “vento”, “azul”, “sombra”, “cintilância”, “penumbra”, “nuvem”, “brisa”. Um poema fundamental na leitura de *Heléboro* é o poema “Tempo perdido”.

No tempo perdido
deslizo à sombra
da árvore, sobre a
música do rio.

No tempo perdido
tudo é cintilância:
no luar, nos copos,
nos teus lábios úmidos.

No tempo perdido
cantam as alviaves
e me amas na areia
de uma praia anônima.

Ó tempo perdido,
como em ti sou rico,
maduro de viagens
e multilustrado!

Só teu universo
feito do não feito
nos dá o melhor
que há no factível.

Tomando o teu barro
nossos dedos moldam
como angelizados
um mundo ideal.
(Na tua verdade
uma outra história:
nós temos as mãos
repletas mas puras.)

Assim, paio à sombra
da árvore, sobre a
música do rio,
computando nuvens;

conversando flores,
seixos, reflexos;
logo esporeando
um galope mágico.

No tempo perdido
recupero, enfim,
tudo o que perdi
no meu tempo ganho.

(ESPINHEIRA FILHO, 2012, p. 23-24)

O tempo perdido do poema apresenta um lugar bucólico na presença cintilante da música, da natureza e da pessoa amada. Entre sombras e cintilâncias, o sujeito lírico do poema recorda os “lábios úmidos” que o beijaram “(...) na areia/ de uma praia anônima”. O anonimato da praia, bem como a atmosfera de sombra, sugere um possível esquecimento de detalhes práticos como o nome da praia e a lembrança daquilo que mais toca a subjetividade desse sujeito como é o caso do cantar das “alviaves”. Em vez de nomes e semblantes específicos, o sujeito lírico do poema recorda as sensações e os sentimentos vivenciados num tempo que já se passou. Essa passagem do poema ilustra, dentre outras características da poesia de Espinheira Filho, duas temáticas importantes em sua poesia e que configuram o trabalho feito em torno da memória: a primeira é a distância e a segunda é o próprio tempo passado.

É recorrente na poesia de Ruy Espinheira Filho que o sujeito lírico tenha um distanciamento daquilo que ele recorda. O exemplo mais comum, visto também aqui no poema “Tempo perdido”, é a recordação daquilo que ocorreu no passado. O sujeito lírico frequentemente encontra-se num tempo presente, “factível”, e traz aos versos lembranças de como ele próprio era no passado. No tempo passado, “perdido”, é que se encontra verdadeiramente aquilo que se tem, uma vez que

o presente depende de pouquíssimos segundos para existir e logo depois já se torna também passado. A temática da distância, no entanto, não vai se restringir somente a esse aspecto, afinal, a distância entre tempo presente e tempo passado é mais visível em sua poesia. A distância se configura também na relação com o outro. Neste poema, luar, rio, música e “lábios úmidos” estão também distantes do sujeito lírico que agora enuncia, com aparente nostalgia, aquilo que ele ganhou no tempo perdido.

Da 4^a à 7^a estrofes temos a reflexão metafísica, tão cara à poesia de Ruy, acerca do tempo perdido. Para a sua poesia, o tempo perdido é o tempo passado. Nessas estrofes, o sujeito lírico reconhece no passado a sua riqueza e sua condição plural e “multilustrada”, além de afirmar, já na 5^a estrofe, que é esse tempo que nos oferece aquilo que há de melhor, aquilo que possuímos de fato. Essa reflexão possibilita ao sujeito refletir em si mesmo como agente criador de um “mundo ideal”. Podemos nos lembrar do mito da criação do homem. Deus, aquele que na tradição judaico-cristã foi responsável por criar todo o universo e os seres que nele habitam, criou do barro o homem. O barro, matéria-prima do ser humano nessa perspectiva, é no poema de Ruy o próprio passado com o qual o sujeito molda um mundo que não existe no factível, mas sim no plano ideal. Tal reflexão nos traz um questionamento melancólico sobre nossa existência, tudo o que possuímos está no nosso passado e com ele criamos um mundo de recordações onde tudo atende aos nossos desejos de mundo ideal; ora, se só com o passado podemos pensar num mundo ideal, o que nos resta para o tempo presente e para o nosso futuro? Ao final do tempo, a triste percepção de que no “tempo ganho”, ou seja, no tempo presente, é que perdemos, em contrapartida ganhamos no tempo

perdido graças às nossas recordações com as quais podemos nos reinventar de modo “multiilustrado”. A partir do barro, o eu lírico parece criar não a própria humanidade, mas sim a si mesmo.

A MEMÓRIA DE LEITURA COMO CONVITE À ESCRITA

Em seu livro *O tempo vivido da memória: ensaios de psicologia social*, Ecléa Bosi (2003) analisa, dentre outras coisas, a substância social da memória, isto é, como a memória de acontecimentos coletivos influencia a memória individual do sujeito. A autora analisa relatos orais e autobiográficos a fim de ilustrar como o ato de rememorar tem a capacidade de salvar, de elucidar e de (re)conhecer o passado e até mesmo o próprio presente, pois o modo como a identidade é configurada depende do vínculo estabelecido com o passado. Um dos aspectos para o qual a autora chama a atenção é para o esquecimento. É preciso, pois, observar tanto a lembrança quanto o esquecimento, pois ele também diz muito deste sujeito lírico a se configurar na poesia de Ruy Espinheira Filho.

Transformar em versos os caminhos conflituosos da memória é uma tentativa de resignificar o passado e, talvez, transformar o presente. Nos versos de Ruy Espinheira Filho vemos que nem mesmo o esquecimento quer ser, de fato, esquecido, pois até mesmo essa lacuna na memória encontra espaço nos versos que celebram a passagem do tempo. Na tentativa de não esquecer, ou até mesmo de não ignorar o esquecimento por completo, o sujeito inventa mecanismos de conservação e de lembrança. A recorrência na abordagem de temas como a passagem do tempo é uma prova da tentativa de guardar na escrita aquilo que se perde no correr dos dias.

Encontramos em muitos poemas de Ruy Espinheira, a constatação bastante dolorida e que é cara tanto para o sujeito lírico de seus versos quanto para seus leitores de que tudo aquilo que somos e temos está no passado. Para Ruy, como vimos no poema “Tempo perdido”, é somente no tempo perdido que temos algo e, por isso, a memória nos é tão substancial. Há também a presença de um presente que deseja o passado, uma triste apropriação daquilo que não temos mais e que nos punge.

Nesse sentido, vemos muitas das vezes a presença de um sujeito lírico ora infantil, ora com fazendo referência à própria infância e observando, a partir desse aspecto, a passagem do tempo. Principalmente nos últimos livros publicados, como em *Elegia de agosto e outros poemas*, teremos a presença de um eu lírico mais velho e já cansado das perdas da vida e que encontrará na lembrança da juventude e da infância o novo fôlego para prosseguir na caminhada. Todavia, já em *Julgado do vento*, temos também a presença desse eu lírico que ao lançar olhos para a infância percebe também as mudanças provocadas pelo tempo e a permanência de alguns aspectos de sua subjetividade. É o que veremos a seguir no poema “Memória”:

Os seios adolecem
sob a blusa azul,
ao vento da tarde
doce de quintais.

À sombra, os cães
farejam as últimas
perdizes ocultas
no alto dos morros.

Na sala, o silêncio.
No silêncio, ele,
o menino, sonha
seios, cães, perdizes.

Sonha e é sonhado
ao fluir da história
que suave marulha
sempre sempre sempre

num país defeso
aquém/além do rosto
em que o tempo verte
seu lento vitríolo.

(ESPINHEIRA FILHO, 2012, p. 59)

Numa estrutura semelhante à do poema “Os objetos”, já apresentado aqui, temos mais uma vez a inserção de uma cena calma. As 3 primeiras estrofes é a imagem da própria lembrança do eu lírico que se recorda quando ainda era um menino. A substância memorativa tem a possibilidade de se adensar nessa cena, pois o sujeito central, o menino, está distante das horas mortas, ele então contempla observa calmamente aquilo que parece ser a sua grande preocupação: “seios, cães, perdizes”. Graças ao silêncio estabelecido, ele pode contemplar e conhecer o outro; longe da balbúrdia da vida adulta ele pode simplesmente sonhar. Mas esse menino já cresceu, é agora, como assegura o título do poema, uma memória do sujeito lírico que também sonha com esse menino, sonha até mesmo com o sonho do menino, livre da alienação e do tempo vazio.

Eis que, novamente, a passagem do tempo associada à imagem da água, o fluir da história “marulha”, isto é, vem e vai como as ondas do mar num movimento infinito de “sempre sempre sempre”. Aqui também o lugar da memória aparece como um espaço difícil de encontrar, tal como a imagem do abismo presente no poema “O rosto na chuva”. Todavia, a morada da memória é aqui não um abismo para onde o sujeito lírico não quer descer, é, na verdade,

um lugar proibido. O menino, afinal, “sonha e é sonhado” num lugar onde o tempo parece não encontrar o passo certo do relógio, um lugar onde o tempo está sempre aquém e além do próprio sujeito lírico; o menino “sonha e é sonhado” “num país defeso”. O vocábulo “defeso” assume aqui uma postura ambígua, uma vez que pode significar aquilo que é proibido como também o período do ano em que não é possível pescar. É tempo, então, de contemplação do mar e no caso desse eu lírico é tempo de contemplar o fluir da história que “marulha”.

Nesse momento de contemplação do passado, o sujeito lírico tem o vislumbre de que o tempo é o grande senhor de tudo, que a tudo e a todos controla. Nos últimos versos, há a imagem do tempo derramando, vertendo “seu lento vitríolo”. O vitríolo era o nome dado antigamente para os sulfatos. O vocábulo, no entanto, é bastante usado como sinônimo para o ácido sulfúrico, elemento químico de acidez altíssima e com capacidade destruidora de corrosão. Assim, é possível dizer que o sujeito lírico vê o tempo como aquele que é responsável por destruir tudo aquilo que temos, inclusive a própria memória. O menino sonhado, o silêncio recheado de sonhos e de paz e os próprios sonhos desse menino foram corroídos pelo vitríolo lento, doloroso e preciso do tempo.

A memória de leitura é outro aspecto bastante sensível na obra do poeta e aparece por meio influências, como o intimismo de Manuel Bandeira e a facilidade em transitar por versos livres a alexandrinos, mas também – e é o que mais nos interessa nesta dissertação – sob o aspecto da citação, da nomeação dos poetas queridos. Em *Memória da Chuva* temos o primeiro livro de Ruy Espinheira em que o autor cita mais nomes de poetas. Antes alguns nomes

de autores e personagens já apareceram, como o caso de Jorge Luís Borges e Ulisses em *Morte secreta e poesia anterior*, mas em *Memória da chuva* a quantidade de nomes citados é muito maior e mais recorrente. Neste livro o autor coloca em cena escritores como João Ubaldo Ribeiro, Homero, Paulo Henriques Britto, Charles Baudelaire, Goethe, Dante Alighieri, Sócrates, Platão, W. B. Yeats, Plutarco, Tales de Mileto, Jorge Luís Borges, Alexei Bueno, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Álvaro de Campos, Sosígenes Costa, Graciliano Ramos e outros poetas não tão conhecidos pela crítica, mas em sua maioria contemporâneos do poeta e que também configuram a memória de leitura de sua obra.

A configuração do sujeito lírico na poesia de Ruy Espinheira conta com a memória de vida, na qual se observa a recorrência de signos que correspondem a sua subjetividade pessoal, da pessoa coincidente com o eu lírico, tais como a figura do pai, do rio, da namorada da juventude, das mulheres amadas e dos amigos; e conta também com a memória de leitura, que recorda as histórias lidas, como a mitologia, os poetas lidos e que serviram de inspiração no processo criativo, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e de outros que vão aparecendo em sua obra poética. É válido lembrar que a memória de leitura e a memória de vida são interdependentes e indissociáveis e que a distinção é feita aqui meramente para fins didáticos. A memória de leitura constitui a memória de vida, pois dela faz parte. Quantas vezes o fragmento de um poema, ou a passagem de um romance, ou mesmo a cena de uma peça teatral nos impressiona a ponto de marcar sulcos profundos em nossa face e misturarem-se as nossas recordações como se fossem verdadeiramente nossas? Como se nós a tivésse-

mos vivido? De fato, essas recordações de leitura tornam-se as nossas recordações também, tendo em vista a capacidade que os acontecimentos, as personagens e os lugares da literatura podem nos impressionar e nos emocionar a ponto de constituírem a nossa memória de vida.

Atrelada às imagens que constituem as memórias coletivas e as memórias individuais do sujeito lírico está a memória de leitura. Não é raro encontrarmos ao longo da obra poética de Ruy Espinheira referências diretas e indiretas a Homero, a Manuel Bandeira, a Dante, a Marcel Proust e tantos outros nomes canônicos ou não. Ainda assim, é bem possível questionar quando um crítico afirma ser ele um “poeta da memória”, afinal, todo escritor é, antes de tudo, um leitor e é absolutamente “natural”, orgânico até, que ele faça referências e dialogue com outro autor. A memória como tema central de sua poesia aparece na relação com o tempo, na relação com a idade já avançada – é bem evidente isso nos poemas que tratam dos aniversários e nos últimos livros do autor – e, também, na relação com outros autores. À medida que o autor envelhece e a morte vai se tornando mais próxima, a memória começa a se configurar ainda mais como um reduto poderoso da vida. O diálogo com outros autores, como Bandeira e Drummond, é flagrado na intertextualidade recorrente da poesia de Ruy. Sendo assim, entre citações e intertextos a memória de leitura ultrapassa os limites do diálogo e da formação poética e se configura como estilo do autor. As recordações dos poemas e narrativas lidos são constantemente evocadas, além de constituírem um valor inestimável na subjetividade do autor.

Atrelada às imagens que constituem as memórias coletivas e as memórias individuais do sujeito lírico está a memória de leitura. Não é

raro encontrarmos ao longo da obra poética de Ruy Espinheira referências diretas e indiretas a Homero, a Manuel Bandeira, a Dante, a Marcel Proust e tantos outros nomes canônicos ou não. Ainda assim, é bem possível questionar quando um crítico afirma ser ele um “poeta da memória”, afinal, todo escritor é, antes de tudo, um leitor e é absolutamente “natural”, orgânico até, que ele faça referências e dialogue com outro autor. A memória como tema central de sua poesia aparece na relação com o tempo, na relação com a idade já avançada – é bem evidente isso nos poemas que tratam dos aniversários e nos últimos livros do autor – e, também, na relação com outros autores. À medida que o autor envelhece e a morte vai se tornando mais próxima, a memória começa a se configurar ainda mais como um reduto poderoso da vida. O diálogo com outros autores, como Bandeira e Drummond, é flagrado na intertextualidade recorrente da poesia de Ruy. Sendo assim, entre citações e intertextos a memória de leitura ultrapassa os limites do diálogo e da formação poética e se configura como estilo do autor. As recordações dos poemas e narrativas lidos são constantemente evocadas, além de constituírem um valor inestimável na subjetividade do autor.

Em seu livro *Sobre a Leitura*, Proust (1991) narra partes de sua infância nas quais estava quase que cotidianamente envolvido com a leitura. O autor recorda a corporeidade envolvida no processo de leitura, por vezes os pais o impediam de ler, principalmente à noite, quando o garoto queria permanecer com seu livro e acabava perdendo o sono, ficando a noite inteira acordado por não conseguir se desvencilhar das personagens, dos enredos, dos lugares e dos tempos das narrativas. As reuniões familiares eram então fatídicas, pois

o garoto preferia a presença de personagens fictícios ao invés da presença de primos ou tios com suas conversas comuns e enfadonhas. Manuel Bandeira também recorda o processo de formação leitora em seu *Itinerário de Pasárgada*. Bandeira (1997) narra que adquiriu o gosto pela palavra nas ruas de Recife, nas brincadeiras de criança, nas histórias contadas pelos mais velhos, nos cordéis e trovas tão comuns no seu dia a dia. O gosto pela literatura escrita surge em casa, junto com o pai: “Assim, na companhia paterna ia-me eu embebendo dessa ideia que *a poesia está em tudo* – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas.” (BANDEIRA, 1997, p. 296, *grifo nosso*). Proust e Bandeira demonstram um saudosismo pelo processo de aquisição de leitura, além de reconhecerem a sua importância na configuração do indivíduo enquanto sujeito no mundo. Proust (1991) critica e ratifica o que disse Descartes acerca da leitura. Para o filósofo, a leitura era válida por se tratar do momento em que o leitor poderia “dialogar” com sujeitos mais interessantes do que aqueles da vida real. Proust (1991), por sua vez, acredita que a leitura vai muito além de uma “comunicação” com quem não nos pode responder.

E nisso reside, com efeito, um dos grandes e maravilhosos caracteres dos belos livros (que nos fará compreender o papel, ao mesmo tempo essencial, e limitado que a leitura pode desempenhar em nossa vida espiritual) que para o autor poderiam chamar-se “Conclusões” e para o leitor “Incitações”. Sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor termina, e gostaríamos que ele nos desse respostas, quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos. Estes desejos, ele não pode despertar em nós senão fazendo-nos

contemplar a beleza suprema à qual o último esforço de sua arte lhe permitiu chegar (PROUST, 1991, p. 30).

Cada escritor traz consigo determinada bagagem literária a qual irá usar em sua produção por meio da intertextualidade, diálogo ou refutação. O fato é que os autores lidos entram no processo criativo de uma forma ou de outra, posto que esses fazem parte da memória de leitura do autor. A literatura é constituída por uma enorme cadeia intertextual, os temas e as formas se repetem incansavelmente e acabam por formar temas e formas novas. O que seria da obra de Pessoa sem a de Camões e a de Camões sem a de Petrarca? Para ser escritor é preciso antes ser leitor e, tal como Proust ou Bandeira, encantar-se com o uso incomum da língua e invenção de universos diversos do nosso.

Ainda em seu livro *Sobre a Leitura*, Proust faz uma importante reflexão acerca da importância da leitura no processo de formação do escritor. Para ele, a leitura traz inúmeros benefícios ao indivíduo, como o desenvolvimento cognitivo e intelectual do sujeito. Sabe-se que ao ler não só textos de ordem teórica ou científica como também os de “entretenimento”, a literatura, possibilita ao indivíduo aprender sobre culturas e experiências de vida diferentes. O leitor tira seus olhos de si mesmo e os volta para o outro, essa experiência de alteridade proporcionada pela leitura reconfigura um sujeito, pois só é possível amadurecer após conhecer o outro e, conseqüentemente, a si mesmo. Em suma, a leitura implica num *descentramento*, uma vez que o leitor concentra a sua atenção em outro e retira a atenção de si mesmo.

Além do conhecimento comum adquirido e do descentramento de si mesmo, o leitor ainda busca na leitura verdades da vida e das

experiências que viveu ou que só experimentou de fato no ato da leitura. “O leitor busca a verdade fora de si, fora do seu centro. Isso é cômodo, pois delega a responsabilidade ao outro – seja esse outro o texto, o autor, ou as personagens” (CALDIN, 2011, p. 401). Nos livros podemos conhecer tanto o mundo ao redor como a nós mesmos. Proust atribui à leitura um valor ainda maior quando trata da sua influência na vida do escritor. A leitura desperta a curiosidade, cria intervenções no interior de nós mesmos e, por fim, inspira incitações para o fazer artístico. Ao fechar o livro, o leitor não se contenta com o desfecho da narrativa, quer saber mais sobre determinada personagem, o que lhe aconteceu depois de tudo, quer mudar-lhe o destino, ou não se satisfaz com certos versos, ou se satisfaz tanto que não quer que eles acabem. São inúmeras as justificativas para começar a escrever. Proust tinha a sensação de que depois de tudo o que fora dito, os autores ainda não haviam dito nada e que, por esse motivo, seria necessário escrever, criar um universo literário novo – fosse um romance, um poema – a fim de resolver essas pendências. A leitura abre perspectivas para aquilo que poderia ser. A leitura desperta desejos e questionamentos que não são respondidos ou satisfeitos no ato de ler. Com Proust, aprendemos que “a leitura nos leva para o espaço e o tempo sensíveis ao coração, o que é, para não dizer mais, uma forma de felicidade” (ARRIGUCCI JR., 1994, p. 23).

Digamos que o que a leitura é capaz de nos dar é algo que acende o desejo, mas não pode preenchê-lo. Ao acender o desejo, ela desperta a vida do espírito, mas não pode substituí-la. A leitura é algo que nos leva ao limiar da vida do espírito, mas não a constitui. Quem deve constituir a vida do espírito é o leitor; ou seja, o leitor deve, de algum

modo, inventar, descobrir por si mesmo (ARRIGUCCI JR., 1994, p. 23).

Observa-se, portanto, que a memória individual integra, além das percepções do sujeito sobre o mundo em que vive e sobre si mesmo, a memória coletiva e a memória de leitura. A leitura é mais do que um aprendizado cognitivo, mas também afetivo, uma vez que implica na presença do “outro” fictício que tem a possibilidade de “ensinar” algo por meio do método mimético e comunicativo. Cabe ressaltar aqui que o cognitivo e o afetivo são mutuamente implicados, a relação existente entre os dois é mútua, quicá indelével. O leitor encontra um interlocutor no personagem de ficção com quem dialoga, imagina, estranha e transforma. A leitura implica ainda no descentramento, uma vez que o leitor concentra a sua atenção no personagem e retira (descentra) a atenção de si mesmo. A reconfiguração do sujeito advinda do processo de leitura ocorre devido à experiência da alteridade. Telêmaco, filho de Ulisses, sai jovem de Ítaca e parte em uma viagem a fim de buscar o pai, que havia deixado sua terra há 20 anos. Na busca pelo pai, Telêmaco encontra a si mesmo ao deparar-se com tantos outros que passam por seu caminho. O jovem de Ítaca, quando retorna, volta um homem formado, uma vez que a experiência da alteridade o fez amadurecer, ele pode ver com os próprios olhos que o tamanho do mundo fora dos muros de si mesmo é imensurável. Assim como o mar e a deusa Atenas na viagem de Telêmaco, a leitura oferece ao leitor um mundo vasto e cheio de “outros” com quem é possível imaginar aquilo que poderia ser. Nesse processo de imaginação daquilo que poderia vir a ser, a leitura possibilita a imaginação e o desejo de transformação daquilo que foi lido. É nesse momento que a leitura

oferece subsídio para a criação. Para Proust, somente a leitura seria capaz de movimentar a atividade criadora, pois ela é uma intervenção no interior de nós mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ruy Espinheira faz da memória – individual, coletiva e de leitura – o principal mote de seus poemas. O poeta utiliza-se da memória de leitura como processo de criação. Se a leitura é capaz de incitar a imaginação e o desejo de transformar aquilo que foi lido, logo ela tem papel fundamental no processo criativo do escritor, uma vez que no ímpeto volitivo de modificar o lido o autor é levado a criar a sua própria obra. Em Ruy, observa-se o diálogo com os autores que marcaram a vida literária do autor. No processo criativo, o poeta tem consciência da importância da memória em sua poesia e, nesse contexto, associa a memória de vida à memória de leitura a fim de ilustrar que a manta das recordações é tecida por fios diversos que se misturam e criam novas cores.

A memória de leitura é, portanto, um elemento flagrante da articulação entre o autor e o escritor, ou seja, entre o sujeito e o indivíduo. Isso ocorre porque o escritor que assume um papel empírico no mundo e que lê, estuda e comenta a literatura, acaba deixando as suas marcas, isto é, os resquícios de sua memória de leitura, na autoria de sua obra. O escritor que assume a responsabilidade do fechamento da obra terá também as marcas de leitura adquiridas ao longo da vida. A memória de leitura assume a forma de intertexto, uma vez que nos poemas do autor é comum enxergarmos a relação evidente com textos que constituem a memória de leitura do poeta. Nesse entrelaçamento de memórias, Ruy Espinheira Filho se consagra

na poesia contemporânea brasileira, tornando-se, enfim, o “poeta da memória”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI JR., D. **Leitura: entre o fascínio e o pensamento**. Série Ideias n. 13. São Paulo: FDN, 1994.

_____. Itinerário de Pasárgada. In.: **Seleção de Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 295-360.

CALDIN, C. F. A leitura segundo Proust. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.16, n.2, p. 392-404, jul./dez., 2011.

ESPINHEIRA FILHO, R. **Elegia de agosto e outros poemas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Estação Infinita e outras estações – poesia reunida**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

PROUST, M. **Sobre a leitura**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991.

STAIGER, E. **Conceitos fundamentais da poética**. Trad.: Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.